

Diaria de Minas - B. Horizonte, 18-11-1956

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

CADEIRA N.º 19

PATRONO: PADRE CORREIA DE ALMEIDA

PADRE CORREIA DE ALMEIDA — José Joaquim Correia de Almeida nasceu em Barbacena em 4 de setembro de 1820 e faleceu na mesma cidade em 5 de abril de 1905. Estudou as primeiras letras em São Del Rei, seguindo para o Rio de Janeiro, depois de aprender a arte tipografica. Recebendo as ordens sacras, regressou



Padre Correia de Almeida

à terra natal. Pelo fato de ser exímio tipografo-impressor, viu-se envolvido na Revolução de 1842. E' que muitos manifestos revolucionarios passaram por suas mãos. Livrando-se das responsabilidades e já ordenado padre, dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, além de pesquisas historicas a respeito de sua terra natal. Poeta excelente, alcançou o aprêço de Castilho. Segundo proclamam alguns analistas de nosso tempo, é o maior poeta satirico de Minas, entre os mortos. Versado em latim, que conhecia ao extremo de minúcias aprofundou-se nos trabalhos de Juvenal, Marcial e outros poetas latinos. Sua originalidade está exatamente no "calembourg", por vezes cintilante, não raro brutal, violento, ferino, embora rigorosamente exato nas afirmações. Adotara a famosa divisa de Santeul — "Ridendo castigat mores". "Escrevia com acidos corrosivos em vez de tinta", disse Agripa Vasconcelos. Sua maneira é sempre unica entre os poetas satiricos. Valia-se quase sempre de uma quadra, seguida de um distico, base para a farpa agressiva e venenosa. Eis uma das suas famosas sátiras:

A República romana
republicuetas são moldes;
cada qual tem lá seus moldes,
e o sistema não se irmana.

Uma coisa é catonismo,
outra coisa é gatunismo.

Entende Xavier da Veiga que ao padre Correia de Almeida é que cabe a designação de Tolentino de Minas, título que muitos adotam para o famoso Vigário de Paraopeba, padre Silvério Ribeiro de Carvalho. A verdade é que padre Correia de Almeida é sempre... padre Correia de Almeida. Nada menos de sete volumes publicou em sátiras, e mais dezesseis de poesias várias. Escreveu "Noticia sobre a cidade e o municipio de Barbacena", livro que lhe abriu as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Conhecido no Brasil inteiro, foi um jornal vivo a respeito de todos os fatos do Império e da República. Além de professor, era orador vigoroso, sermonista brilhante. Não há, infelizmente, estudo completo a respeito dessa extraordinária figura, que tem lugar alto na galeria dos grandes intelectuais mineiros. Basta se diga que Ronald de Carvalho não lhe menciona, sequer, o nome.

FRANCISCO LINS — Um dos fundadores da Academia, nasceu Francisco Lins na cidade de Ubá em 9 de maio de 1866. Faleceu em Juiz de Fora em 1933. Coursou humanidades em Ouro Preto, no antigo Liceu Mineiro, no qual chegou a primeiro amanuense. Matriculou-se na Escola de Minas da ex-capital, mas viu-se obrigado a abandonar o curso em virtude de dificuldades financeiras. Fixou-se em Juiz de Fora, colaborando no "Jornal do Comércio" e no "Farol". Em comissão que lhe foi dada pelo governo do Estado de Minas, seguiu para a Europa, nela permanecendo cerca de sete anos. Regressando à pátria, foi nomeado reitor do Ginásio Mineiro de Barbacena e professor da Escola Normal de Juiz de Fora. Viajou mais uma vez para o Velho Mundo, em 1930 fixando-se primeiramente na Suíça e, depois, na França, em estudos especializados a respeito de métodos educacionais. Desses países enviou numerosos artigos para os jornais do Rio e de Juiz de Fora. Publicou "Canções da Auropa, Harpas das Selvas e Versos" (poesias); "Borboletas Negras e Uma campanha" (prosa). Neste último livro, deixa a recordação das lutas políticas, em que se envolveu, notadamente na defesa da candidatura Hermes da Fonseca à presidência da República. O poeta é superior ao prosador, e o educador supera a tudo. Estudioso dos problemas de ensino, acumulou vastos conhecimentos, discípulo que fôra de Adolphe Ferrière, a quem dedicara páginas de enternecido aprêço. Foi, ao que tudo indica, o introdutor, no Brasil, das idéias de Claparède e Bouvet, para a educação da infância. Espirito sutil, dotado de estranha e envolvente simpatia, além do apuro das atitudes, tinha o requinte da elegancia. Não raro, provocava espanto a maneira algo excêntrica ou, pelo menos, bizarra com que se apresentava em publico. Inteligentíssimo, vivaz, adquirira o hábito de se expressar em francês, idioma que dominou, não apenas pelo estudo, senão pela prolongada experiência que adquirira no seu longo estagio em Paris. Algo extravagante, senão imodesto, com a sua "bela cabeça leonina", segundo o testemunho de Agripa Vasconcelos, não deixara, entretanto, o culto das letras. Daí o prestígio, de que sempre gozou nos meios literários de Minas. Foi um dos valores que mais influenciaram para a fundação da Academia.



Francisco Lins.